

3 1761 07045864 1

Pimentel, Alberto
A varanda de Nathercia

PQ
9261
P₄₆V₃



ALBERTO PIMENTEL



EMPRESA LITTERARIA DE LISBOA

ESCRITTORES

36, Rua Nova do Almada, 1.º



A VARANDA DE NATHERCIA

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

EMPREZA LITTERARIA DE LISBOA

A VARANDA

DE

NATHERCIA

ORIGINAL DE

ALBERTO PIMENTEL

OFFICINA TYPOGRAPHICA

DA

Empreza Litteraria de Lisboa

1 a 5, Calçada de S. Francisco, 1 a 5

FR
9241
P48V3



Correu voz em Coimbra de que el-rei D. João III e sua esposa a rainha D. Catharina d'Austria iriam passar ali as solemnidades da semana santa. N'aquelle tempo, a côrte portugueza mobilisava-se ao sabor da phantasia real, quando não ia fugindo de medrosa adeante das grandes epidemias devastadoras. Mas d'esta vez era o rei que a bel-prazer promovia a excursão, n'uma época piedosa, á piedosa

Cidade rica do santo
Corpo do seu rei primeiro ¹

aproveitando simultaneamente o ensejo de por seus proprios olhos verificar os progressos das escólas geraes, que procurára engrandecer, e que

¹ Sá de Miranda.

por sua ordem haviam sido transferidas a Coimbra na primavera de 1537.

Estava-se no mez de abril, *o sol havia entrado no signo de Tauro*, Flora entornava por sobre os campos do Mondego os variegados matizes da sua cornucopia vernal. ¹ Era sação de geito para desenfados bucolicos, e se alguma coisa podéra extranhar-se seria que o animo sombrio do rei não se molestasse com o espectaculo das chilreadas alegrias da natureza, tão gratas aos corações felizes, não ao d'elle, que desde o primeiro amor ficára profundamente ferido.

De feito, o mordomo-mór D. Fernando de Faro confirmou pela sua chegada a Coimbra o boato de que a cõrte se não faria esperar muito tempo, e nos espiritos de vinte annos, mais ou menos escravizados ás impertinencias do estudo, passou como um relampago de alegria a certeza d'essa agradavel diversão durante os ocios officiaes das endoenças, n'um tempo em que os meios de viação eram morosos, e prohibiam o regalo das *ferias pequenas*, tão aproveitadas hoje.

A tradição amorosa prendia-se á cõrte dos nossos reis pelas memorias galantes dos trovadores e dos serões poeticos, e a Coimbra pela lembrança

¹ Canção VII. Todas as referencias são á edição do visconde de Juromenha.

saudosa da linda Ignez, cujas lagrimas choradas se haviam transformado na fresca fonte solitaria, que rega as flores.

Portanto, as imaginações juvenis exaltavam-se, accendiam-se na vaga idealidade do amor, quando a còrte se aproximava; particularmente em Coimbra, onde os trovadores tinham por mestres os rouxinoes dos sinceiraes, a poesia começava a esfumar os seus deleitosos sonhos incoerciveis logo que a fortuna promettia mostrar-lhe em breve as formosas estrellas da constellação real, mais deslumbrantes talvez que as do firmamento. . .

Chegou finalmente a còrte, as donzellinhas mimosas de fino trato palaciano poderam mirar o bello rosto no claro espelho do Mondego, D. João m pôde conversar os sabios estrangeiros que preleccionavam nos paços das Alcaçovas, a rainha D. Catharina preparava-se para assistir devotamente ás magestosas solemnidades do grande drama da redempção christã, e fr. Francisco de Bobadilha, ermando na ribeira tranquilla, repetia mentalmente o sermão que a rainha lhe incumbira.

Abertas de par em par as portas do templo, na manhã de sexta-feira maior, accomodada a còrte nos seus respectivos logares, pairou sobre a nobre multidão esse concentrado silencio que precede os grandes actos funebres da Egreja:

Todas as almas tristes se mostravam
Pela piedade do Feitor Divino,
Onde ante o seu aspecto benigno
O devido tributo lhe pagavam.

Apenas n'aquella recolhida mudez, que se alastrava por todo o templo, era licito aos olhos irem fallando a sua linguagem cheia de reticencias e de scintillações, trocando uns com os outros palavras de luz, que se entendem e não se escrevem. . .

No grupo das donzellinhas da côrte, rosas mal desabrochadas ainda na frescura matinal da primeira mocidade, embebiam-se soffregamente os olhares namorados dos trovadores de vinte annos como n'uma grande nuvem com luminosos toques de ouro e rosa, d'essas que só podem accender-se no ceu durante as bellas alvoradas e resplender nas formosas cabeças loiras, iriadas como a de Daphne.

Uma d'essas encantadoras damasinhas parecia haver sido posta ali, entre Deus e os homens, para despertar a vaga lembrança do paraizo ou para receber as orações e as lagrimas e subir depois ao *assento ethereo* onde umas e outras se convertem em estrellas, apparecendo sobre o fundo sereno e azul do ceu como para avisar as boas almas de que já lá chegaram. . .

Os cabellos ondados e loiros, recolhidos em tranças de ouro fino; um brando e piedoso mover de claros olhos, onde o verde glauco se espelhava; o nariz lindo e afilado; a bocca graciosa; os dentes, perolas; as palavras, ouro; o riso, brando e honesto; um gesto doce e humilde,

Um despejo quieto e vergonhoso;
Um repouso gravissimo e modesto;
Uma pura bondade, manifesto
Indicio da alma, limpo e gracioso.

Esta formosa, que tantos olhares attraia,—que os olhos moços compartem com as mariposas o condão de pascer-se nas bellas flores—era filha de D. Antonio de Lima, mordomo-mór do infante D. Duarte, e de D. Maria Bocca Negra, dama da rainha.

Catharina de Athayde se chamava.

Entre os mancebos de mais gentil aspecto um havia que estava no templo a par de D. Bento de Camões, geral de Santa Cruz de Coimbra e cancellario da Universidade. Era seu sobrinho, Luiz de Camões, de mediana estatura, cabello loiro, quasi açafreado; o rosto, cheio; o nariz, comprido; nos gestos, mobilidade e promptidão; no olhar, um vivo rutilar de chammas accesas no pensamento: mocidade plena, o momento delicioso em que os dezoito annos ainda não vão longe e os vinte não tardarão a chegar...

Entre os mancebos, mais que os outros alegre e ousado; entre as damas, galanteador affeito. Nas brigas em que por bem ou mal experimentavam forças os moços de mais forte pulso, nunca ninguem lhe viu as solas dos pés, comquanto visse as de muitos: o que quer que fosse da virtude de Achilles. Por isso uns lhe chamavam o *Diabo*, outros o *Trinca-fortes*; punham-lhe os fracos estes nomes, vingando com a lingua o que não podiam com o braço. ¹

Para as damas, um perigo. *Diabo* que tudo ousava, e para quem o atrever-se era valor e não loucura.

Nunca em amor damnou o atrevimento;
Favorece a fortuna a ousadia.

Eram de origem castellhana estes Camões, tiveram por berço o solar de Camaños, nobilitado pela tradição de uma dama que, por suspeitas de adulterio, conseguiu desaffrontar sua honra, sujeitando-se a uma prova terrivel:

Experimentou-se algum'hora,
Da ave, que chamam Camão,
Que se da casa onde móra,
Vê adúltera a senhora,
Morre de pura paixão.

¹ Primeira carta escripta da India.

A ave não morrera, e desde então o appellido de Camões encetára immaculado a jornada dos seculos.

Luiz, o sobrinho do cancellario, reunia, pois, em si todo o fogo do Meio-Dia: sangue castelhano, berço portuguez.

Para estas naturezas assim temperadas o amor é como a centelha que brotou da pederneira do pastor e cahiu na ceara madura: basta um olhar para atear o incendio.

Enquanto os olhos se lhe prendiam em Catharina, o espirito, extranho a tudo o mais que se passava no templo, dondejava em pensamentos vagos, confusos, doces, tão doces! como se nascessem da união subtil da mais suave musica e do mais fino aroma. Atravessavam-lhe a mente cantando e perfumando-a.

Quando, finda a cerimonia religiosa, essa vaporosa figurinha de mulher se lhe mostron em toda a pequenez graciosa do seu vulto, Luiz reconheceu que ella ia soltando umas invisiveis cadeias, leves e fortes, que vinham prender-se-lhe ao coração, e lh'o levavam captivo no rastro d'aquelles passos, o *vera incessu patuit dea* do poeta mantuano.

Desde essa hora uma vaga anciedade foi crescendo no seu peito como uma onda que vem rolando sobre a praia, arredondando-se n'uma curva

d'espuma, erguendo-se como o collo d'um cysue até que desabrocha com impeto na areia, arremessando ao ar uma chuva de perolas e o murmurio d'um longo arquejo. . .

N'esta anciedade estava na cella de seu tio em Santa Cruz, sabbado da alleluia,—um dia de bom agouro, como se houvera agouros certos!—quando de repente se annunciou que el-rei e a côrte não tardariam no mosteiro. Eram mimosos d'estas honras os monges de Santa Cruz; mas causava sempre uma alegre surpresa o annuncio de visita real. Desde Affonso Henriques, que ali descansava das canceiras da guerra, e ali quiz dormir o somno eterno, choveram mercês e distincções sobre Santa Cruz. Honravam-se os filhos de nobres com serem admittidos na communitade. D. João de Noronha recusára em tempo de D. João II a nomeação de arcebispo de Braga por não querer desapossar-se da dignidade de prior de Santa Cruz. El-rei D. Manuel mandára reedificar magnificamente igreja e mosteiro. O proprio D. João seu filho reunira na pessoa do prior, que era então D. Bento de Camões, as honrosas funcções de cancellario da universidade, de modo que os alumnos das escolas geraes tinham de ir a Santa Cruz buscar o grau de doutores; e não contente com isto, D. João III acrescentára um novo claustro ao mosteiro, traçando-o na manga

do seu roupão, pelo que se ficou chamando da *Manga*.

O prior desceu logo para receber a côrte, e Luiz de Camões ficou-se alheiado, como quem espera uma grande felicidade e ao mesmo tempo tem medo de que lhe fuja. . .

Foi no claustro do *Silencio*, onde o cinzel manuelino recortou nas ogivas e nas columnas as mais bellas rendas do gothico florido, que Luiz de Camões veio encontrar a côrte, justamente no momento em que a formosa Catharina, com o braço passado á cintura de D. Maria de Tavora, se encostava ao parapeito d'aquella fonte de marmore côr de rosa, que lá está ainda no claustro sem já ter agua para chorar as memorias deliciosas d'esse tempo. . .

Foi ahi que D. Bento de Camões apresentou seu sobrinho á côrte. D. Catharina d'Austria teve uma palavra amavel para festejar o novel trovador:

—Tão moço sois, senhor Luiz de Camões, que parece que a gloria vos sae ao encontro sem dar tempo a que a busqueis! . . .

Luiz de Camões respondeu:

—Mais moço ainda era D. Nuno Alvares quando sua alteza real a senhora D. Leonor, que Deus guarde, lhe quiz vestir as armias por sua propria mão.

A promptidão da resposta e o alcance d'ella

impressionaram agradavelmente a côrte. Sobre-
tudo, no coração de Catharina de Athayde, aquelle
mancebo, de cuja ousadia e talento se fallava e
cujos olhares a haviam enleiado na vespera em
spiraes de suavissima luz, começou a occupar um
logar que o pejo dos poucos annos ia cedendo
não sem custo, vencido pela doce força do amor
nascente.

Espalharam-se os grupos ao acaso pelo claustro
e templo, e Luiz de Camões ousou dirigir-se ás
duas donzellinhas que se deixaram ficar encosta-
das á fonte de marmore côr de rosa como duas
nayades inclinadas sobre a urna crystallina d'onde
uma fita de agua deriva.

O que n'essa agradável conversação disseram
nunca ninguem mais o soube ao certo. Ah! mas
foi durante ella que o amor, com mão furtiva, aca-
bou de armar brandamente os seus laços, de que
ninguem se pode livrar. Em torno d'aquella gen-
til estatuasinha de mulher, Luiz, borboleta que
obedece ao seu destino, adejou em voltas doidas,
namorado da chamma que resplandia nos castos
olhos da donzellinha, e que mais tarde devia quei-
mar-lhe o coração no fogo lento da saudade. Nas
faces de Catharina havia todo o encanto de um
rostinho de tauxia de uma dama lisbonense. Na
sua voz pozera a natureza as notas agudas mas
feiticeiras do fallar das lisboetas, que chia como

um puearinho novo com aqua. ¹ D'essa doce conversação nunca mais se lhe desluziu a grata memoria

Conversação foi fonte d'este engano
Que por meu damno entrou com falsa côr.

Conversação domestica e damnosa
Na livre formosura e tenra idade,
Em ambos accendeu chamma amorosa.

Ficou captivo o coração de Luiz quando a côrte, passados poucos dias, se tornou a Lisboa. Nunca mais houve socego no espirito do enamorado mancebo. Já lhe aborreciam os livros, já lhe enfadava aquella formosa Coimbra, a que todavia se sentia docemente preso por uma suave memoria. . . Sentia-se cuidadoso sem cuidados, inquieto sem motivo. O que sentia hora a hora só o poderia explicar tentando dizer o que era o amor. . .

Amor é um fogo que arde sem se vêr;
É ferida que doe e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dôr que desatina sem doer.

Pois era isto mesmo o que elle sentia, esta vaga anciedade, o andar solitario por entre a gente, o

¹ Primeira carta escripta da India.

estar preso por vontade, um servir a quem vence o vencedor. . .

N'esta conjunctura chegou a Coimbra um subtil boato referido n'uma carta de Lisboa para o mosteiro de Santa Cruz: que D. Antonio de Lima queria maridar a filha na côrte.

Este inesperado golpe feriu profundamente a alma do poeta. Era pois certo que d'elle se havia esquecido inteiramente?! Oh! quem a Luiz de Camões

..... dissera

Que d'amor tão profundo

O fim podesse vêr eu algum'hora!

A principio, esse vago rumor desalentara-o, já não era lembrado por aquella em quem não deixára de pensar um só instante. . .

Por que te vás de quem por ti se perde,

Para quem pouco te ama? (suspirava)

E o ecco lhe responde: Pouco te ama.

Finalmente, elle, sempre forte, mesmo nas fraquezas do amor, resolvera voltar à côrte, queria acabar a vida na triste consolação de vêr mais uma vez a formosa que o esquecera. Despediu-se d'essa florida terra, da bella Coimbra, onde tempo longo passou folgando com a vida, e onde sonhára que não haveria no mundo quem pudesse apartal-o d'aquella gentil senhora. Queria despedir-se

d'ella para todo o sempre, e depois... viver ou morrer abraçado com a urna onde guardasse as cinzas d'aquelle vão pensamento...

Rememorava, como era natural, os tempos passados, o dia em que pela primeira vez a vira, a primeira occasião em que lhe fallára... Coimbra já ficava longe, e a sua saudade voltava-se ainda para avistal-a, como Orpheu para vêr Eurydice:

Vão as serenas aguas
Do Mondego descendo,
E mansamente até o mar não páram;
Por onde as minhas maguas
Pouco a pouco crescendo,
Para nunca acabar *se começaram*.
Ali se me mostráram
N'este lugar ameno,
Em qu'inda agora mouro,
Testa de neve e d'ouro;
Riso brando e suave; olhar sereno;
Um gesto delicado
Que sempre n'alma me estará pintado.

Ardia-lhe o coração em impaciencias de chegar a Lisboa.

D. Maria de Tavora, a meiga companheira de Catharina, foi a alma que Luiz de Camões escolheu para receber a triste confidencia do seu desanimo, e dos receios que o punham por se vêr preferido por quem iria talvez desposal-a sem

amal-a. Certificou-o D. Maria de que Catharina não pensava em tomar marido, e de que na sua memoria estava ainda viva a lembrança cuidadosa d'aquelles breves dias de Coimbra. Mas Catharina, aggravada com as suspeitas de Camões, esquivava-se a vel-o, e nem a mediação da sua terna amiga conseguia abrandal-a. O que não pôde, porém, fazer a solicitude de D. Maria de Tavora logrou-o a lyra de Camões, vibrando este sublime grito de desespero

Dae-me ùa lei, senhora, de querer-vos,
Porque a guarde sob pena de enojar-vos;
Pois a fé que me obriga a tanto amar-vos
Fará que fique em lei de obedecer-vos.

Tudo me defendei, senão só vêr-vos
E dentro na minha alma contemplar-vos;
Que se assi não chegar a contentar-vos,
Ao menos nunca chegue a aborrecer-vos.

E se essa condição eruel e esquiva
Que me deis lei de vida não consente,
Dae-m'a, senhora, já, seja de morte.

Se nem essa me daes, é bem que viva,
Sem saber como vivo, tristemente;
Mas contente estarei com a minha sorte.

O amor rendeu-se á poesia. O coração namorado

não se agasta para resistir, senão para se deixar vencer mais depressa. A formosa esquiua consentiu finalmente em deixar-se vêr de uma das janellas do paço da Ribeira. Os olhos de Camões absorviam-n'a cubiçosos. O idyllio da janella começára desde esse momento. Na alma de Camões irrompera de novo, vehemente, impetuoso, o grande incendio que ao mesmo passo o queimava e fortalecia:

Ferido sem ter cura percia
O forte e duro Télepho temido
Por aquelle que na agua foi mettido
E a quem ferro nenhum cortar podia.

Quando a Apollineo Oraculo pedia
Conselho para ser restituído,
Respondeu-lhe, tornasse a ser ferido
Por quem o já ferira, e sararia.

Assi, senhora, quer minha ventura
Que ferido de vêr-vos claramente,
Com tornar-vos a vêr Amor me cura.

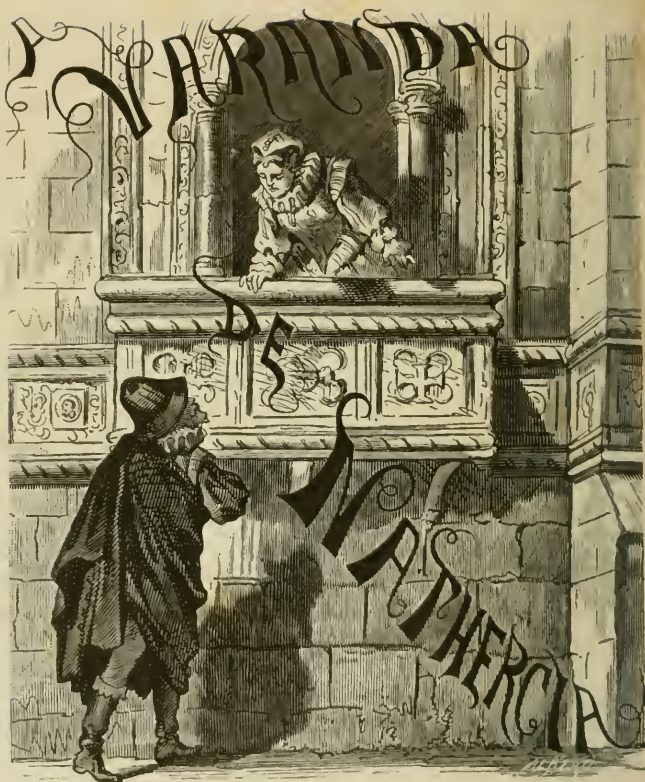
Mas é tão doce vossa formosura,
Que fico como o hydropico doente,
Que bebendo lhe cresce mór seccura.

.....
N'aquelles tempos, as bellas senhoras, debru-

çadas no peitoril da janella, ditavam leis ao mundo. Viu uma, do seu balcão, que o alcaide da côrte lhe levava um criado preso por haver assassinado um homem dentro do palacio. Passava um galan no terreiro, a cavallo. Ella chamou-o, sorriu-lhe, disse-lhe: «Aquelle criado é meu, tirae-o á justiça.» O cavalleiro desandou, e de espada em punho pediu o preso ao alcaide, que logo lh'o entregou, indo referir a Carlos v tudo quanto se tinha passado. O imperador respondeu-lhe: «Farte-hei mercê, pois que obedeceste a um cavalleiro, que não podia deixar de fazer o que lhe mandára uma dama, mas só a ella, por ousada, mandarei prender e punir.» No dia seguinte, sahindo o imperador a uma sala do paço, achou todos os gentis-homens vestidos de luto e de chapéu na cabeça. Encarando-os alegremente, disse: «Muito justa é a vossa causa, e muito folgo com a demonstração: eu a mandarei soltar.»

A bella senhora havia decretado, do alto da sua janella, uma lei que o proprio imperador respeitava . . .

Na *Arte de galanteria*, de D. Francisco de Portugal, em que este caso vem referido, vê-se que o balcão representava um grande papel na vida amorosa da época. As damas galanteavam de janella; em baixo, os cavalleiros cumpriam o preceito galante de *hazer terreros amenudando las*



Ventana venturosa, do amañece
Qual resplendor d'Apollo el de mi dama
Abrazar-te veja yo con una llama,
De las con que mi alma resplandee.

bueltas. Perto da janella folgavam e jogavam. Camões improvisou esta quadra, alludindo ao triangulo da forca, *a umas senhoras que jogando perto de uma janella lhes cahiram tres paus e deram na cabeça do poeta*:

Para evitar dias maus
Da vida triste que passo,
Mandem-me dar um baraço,
Que já cá tenho tres paus.

No paço da Ribeira, fundado por D. Manuel e muito acrescentado em épocas posteriores, havia bellas varandas e eirados. ¹ Ao terreiro, ainda hoje chamado do Paço, concorriam a pé e a cavallo fidalgos e burguezes. ²

Vivendo no palacio real, na qualidade de donzella da rainha D. Catharina, Nathercia aventurara-se a fallar da janella com o poeta

E como te não lembras do perigo,
A que só por me ouvir te aventuravas,
Buscando horas de sesta, horas de abrigo?

Outras vezes, mal lhe podia apparecer, procurando qualquer disfarce. . .

¹ Rebello da Silva. *Historia de Portugal*, tomo v, pag. 515.

² *Idem*.

Á la margem del Tago, en claro dia,
Con rayado marfil peinando estaba
Natercia sus cabellos, y quitaba
Con sus ojos la luz al sol que ardia.

O sr. visconde de Juromenha, commentando este soneto, escreve: «Vendo pentear-se a sua Natercia; a scena passa-se na margem do Tejo, onde estava situado o antigo paço dos reis de Portugal.»

Camões, louco de amor, a toda a hora divagava no terreiro, com os olhos postos n'essa janella encantada.

Umaz vezes mirava-a de noite aproveitando um raio da lua:

Diana prateada, esclarecida
Com a luz que do claro Phebo ardente,
Por ser de natureza transparente,
Em si, como em espelho, reluzia,

Cem mil milhões de graças lhe influa,
Quando me appareceu o excellente
Raio de vosso aspecto, differente
Em graça e em amor do que sohia.

Outras vezes invocava-a ao romper do sol, para que lhe deixasse vêr a sua amante envolta nas doces meias tintas da madrugada:

Ventana venturosa, do amañece
Qual resplendor d'Appollo el de mi dama
Abrazar-te veja yo con una llama,
De las con que mi alma resplandece.

Porque se ves el mal que se padece,
Y sientes el dolor que el pecho inflama,
Não dexas a mis ojos ver la rama
Que dentro en mi con lagrimas florece?

Si no te mueve ya la pena mia,
Mueva-te ver lo poco que se gana
De no dexar al alma su alegria.

Ya pues lo sabes, ya cruda ventana
Antes que mi dolor descubra el dia,
Dexa-me ver mi ninpha soberana.

Ventana venturosa, porque entre os lavrados columnelos manuelinos emmoldurava a encantadora donzellinha, em cujas faces e bôca estavam

Cecens, rozas e cravos debuxando.

Annos depois, Shakspeare doirava com um raio da lua a varanda de Julieta, e punha nos labios do ardente Romen estas enamoradas palavras: «Silencio! Que luz desponta d'aquella janella. É o Oriente, e Julieta o sol! Sobe, bella luz, e offusca

a invejosa lua, já enferma e pallida de dôr, porque tu, sua sacerdotiza, a excedes muito em belleza!»

Em frente da varanda de Julieta, a alma de Camões pulsava ainda dentro do peito de Romeu. . .

.....

Entre os gentis cavalleiros que frequentavam, por amor das damas do palacio da Ribeira, o terreiro do Paço, deu rebate a paixão ardente do destemido Luiz de Camões por D. Catharina de Athayde, a quem todos começaram a referir-se pelo anagramma de Nathercia desde que foram conhecidas as primeiras poesias compostas em sua honra pelo moço trovador. Camões, o *diabo* gentil das arruaças de Coimbra, o *Trinca-fortes* dos encontros nocturnos, parecia tão abatido sob os finos chapins de Nathercia, como Lucifer aos pés do archanjo Miguel. Mofavam da sua escravidão amorosa os que a não comprehendiam, e alguns lhe chamavam por zombaria o diabo arrependido. Mas que se lhe dava a elle que mofassem da sua felicidade, se d'aquella janella do Paço, que era a de Nathercia, parecia cahir-lhe sobre o coração uma doce chuva de luz, quando ella, soltos os cabellos, os deixava fluctuar á mercê da brisa do Tejo? Eram como o resplendor de uma aurora esses cabellos

.....louros e escolhidos
Que o ser ao aureo sol estão tirando.

Venturosa janella que os sentia esvoaçar, como azas de ouro de uma ave do paraizo poisada no balcão real! Que formosos caprichos, que amorosos devaneios os d'esses incendidos dialogos em que Nathercia e Camões, cuidando recatar-se de vistas curiosas, a todos se denunciavam doidamente enamorados!

Hoje, um pedido galante: que soltasse os seus doirados cabellos, exorava Luiz, que os soltasse porque assim lhe pareciam raios de sol que o prendiam ao ceu; então a fita, que os continha, desatava-se, e vinha ondulando desde a varanda cair entre as mãos impacientes do trovador

Lindo e subtil trançado, que ficaste
Em penhor do remedio que mereço,
Se só contigo, vendo-te, endoudeço,
Que fôra co'os cabellos que apertaste?

Aquellas tranças de ouro que ligaste,
Que os raios do sol têm em pouco preço,
Não sei se ou para engano do que peço,
Ou para me matar as desataste.

Lindo trançado, em minhas mãos te vejo,
E por satisfação de minhas dôres,
Como quem não tem outra, hei de tomar-te.

E se não fôr contente o meu desejo,
Dir-lhe-hei que n'esta regra dos amores
Por o todo tambem se toma a parte.

Amanhã brotava do amor o ciume, como irmãos gêmeos que parece haverem sido conjunctamente gerados para se fortalecerem um ao outro

De mil suspeitas vãs se me levantam
Trabalhos e desgostos verdadeiros.
Ai que estes bens de Amor são feiticeiros,
Que com um não sei que toda alma encantam!

Como sereias docemente cantam
Para enganar os tristes marinheiros:
Os meus assi me attraem lisongeiros,
E depois com horrores mil me espantam.

Ah! Nathercia cruel! quem te desvia
Esse cuidado teu do meu cuidado?
Se tanto hei de penar desenganado,
Enganado de ti viver queria.

Depois, das cinzas do ciume brotava o amor, avassallando o coração de Camões, possuindo-o na plenitude do seu dominio, absorvendo-lhe a vista na só contemplação de Catharina:

Se da celebre Laura a formosura
Um numeroso cysne ufano escreve,
Uma angelica penna se te deve,
Pois o ceu em formar-te mais se apura.

E se voz menos alta te procura
Celebrar (oh Nathercia!) em vão se atreve:
De ver-te já a ventura Liso ¹ teve,
Mas de cantar-te falta-lhe a ventura.

De novo, o ciume voltava, o ciume com as suas grandes tempestades, com os seus assombrosos paradoxos, com toda a violencia d'aquellas encontradas correntes que fazem com que se aborreça amando e que se não viva senão para amar

Se por amar-vos chego a aborrecer-vos,
Deixar não posso o amar-vos algum' hora.

—Vê que me atormentas, Luiz! gorgeiava da varanda a voz de Nathercia. Tantas suspeitas, e tão desarrasoadas todas, não são amor, são supplicio. Pois a quem posso amar eu no mundo senão a ti?! E mais cuido que se me accende o amor quanto mais procuram contrariar-m'o... É que parece que o coração é como a onda que mais se levanta quanto mais o vento a fustiga!...

¹ Anagramma de Luis.

—Contrariar-te, anjo!

—Sim, tudo na côrte anda cheio do rumor dos nossos amores... Tambem eu podéra accusar-te, Luiz... Dizem as damas, menos D. Maria de Tavora, que essa contra todos e tudo me defende...

—A bella alma!

—Dizem as damas que tu não escondes como devêras o segredo d'esta paixão, que a publicas ufano de me vèrés presa nos laços do teu amor... Que se aos ouvidos de sua alteza a rainha chegar noticia da nossa conversação, não se fará esperar por muito tempo o castigo para ambos...

—Intrigas da côrte! Catharina! d'esta côrte que todos os embustes enreda para que se prendam n'elles os incantos!... Fallar de ti! Se fallo, é porque o pensamento me trahe, é porque estou pensando alto sem querer e sem ouvir... Tenho a tua imagem no coração, o teu nome na memoria, não vivo senão da tua vida, como poderei eu esconder este segredo sem esconder-me a mim proprio?... Eu bem sei d'onde a infamia vem urdida, Catharina,—d'esses ruins glosadores que me invejam o estro, e que me mordem na sombra, ladrando a ella como cães raivosos. Ah! que me hei de vingar d'elles, que os hei de esmagar com o braço como com a lyra os esmago. Appellidam-me *diabo*, porque me temem a sanha; pois bem, mostrar-lhes-hei que tenho garras para os empolgar...

—Luiz! soluçou supplicante a voz de Catharina, que te não percas por amor d'elles, que me não percas por amor de ti!... *Diabo* serás, porque tentas, por mais não; sem razão t'ò chama toda a gente, menos eu. Eu que sou a tentada, eu que estou presa aos teus laços, *diabo* poderá chamar-te...

Luiz de Camões escutava enlevado, e, como n'um sonho, acudiram-lhe aos labios pensamentos de que elle não tinha bem a consciencia, mas que sahiram afinados pela musica dulcissima que lhe modulava dentro d'alma:

Não posso chegar ao cabo
De tamanho desarranjo,
Que sendo vós, senhora, anjo,
Vos queira tanto o diabo.
Dais manifesto signal
Da minha muita firmesa,
Que os diabos querem mal
Aos anjos por natureza.

E n'estes idyllios da varanda ia o tempo fugindo, enquanto no horisonte azul e luminoso uma nuvem apparecia como uma ameaça...

Uma tarde, de uma grande serenidade crys-tallina, em que o ceu e o Tejo eram lucidos como o vidro d'um espelho, fôra a rainha bordejar n'um batel com as suas damas. O enamorado Luiz de

Camões seguia ávidamente com a vista esse encantado batel, e os olhos de Nathercia procuravam-n'o de longe, anciosos de avistal-o...

Em um batel que com doce meneio
O aurifero Tejo dividia,
Vi bellas damas, ou melhor diria,
Bellas estrellas e um sol no meio.

As delicadas filhas de Nereio,
Com mil vozes de doce harmonia,
Iam amarrando a bella companhia,
Que (se eu não erro) por honral-a veio.

Ó formosas Nereidas, que cantando
Lograes aquella visão serena,
Que a vida em tantos males quer trazer-m'a;

Dizei-lhe, que olhe que se vai passando
O curto tempo, e a tão longa pena
O tempo é prompto, a carne enferma.

A rainha D. Catharina d'Austria, voltando-se para Catharina de Athayde, disse entre severa e epigrammatica:

—Ides mirando o sol como se elle podéra vê-
vos!...

—Vou olhando ao acaso, senhora...

—Mas já está o sol sobre o mar, tornou a rai-

nhã, e para terra olhaes! É força que vos não cegueis tanto, que queiraes cegar os outros...

Rosaram-se as faces de Catharina com as tintas do pejo. Os seus olhos encontraram-se com os de D. Maria de Tavora e comprehenderam-se. Nos labios das outras damas passou um ligeiro sorriso malicioso.

Quando a nobre companhia desembarcou, Luiz de Camões esperava-a na ribeira. Os olhos de Catharina desviaram-se, e n'essa noite a janella não se abriu. Um raio da lua doirara-a melancolicamente, parecendo chorar lagrimas de luz sobre a vidraça. Camões divagou ao luar, no terreiro, ora accusando a dureza de Nathercia, ora implorando-lhe piedade, como se ella o pudesse ouvir:

O esquivo desamor, com que me trataes,
Converte em piedade, se não queres
Que cresça o meu querer, e o teu desgosto.

Vencer-me com cruezas nunca esperes:
Bem me podes matar, e bem me matas;
Mas sempre ha de viver meu presuppосто.

No outro dia, Luiz de Camões recebia ordem real para sahir sem demora da cõrte, com obrigação de ir residir no Ribatejo, em lugar marcado.

É facil comprehender o que se passára.

A noticia d'estes amores, tão fervorosos que já

não podiam occultar-se em disfarces, chegára aos ouvidos da rainha. D. Antonio de Lima esperava apenas por esse momento para desviar um casamento com mancebo que não tinha nascido para jantar em toalhas de Flandres. D. Maria Bocca Negra, nos seus extremos de mãe, não queria ser a delatora dos amores da filha. Esperava-se pois que a ousadia de Luiz de Camões chegasse á imprudencia de se não acobardar na presença de D. Catharina d'Austria.

Esse momento não tardou.

Camões, em algumas poesias, lança a culpa d'esta contrariedade a si mesmo. N'uma egloga, Catharina accusa-o

E pois de teus descuidos, e ousadia,
Nasceu tão dura e aspera mudança,
Folgo que muitas vezes t'o dizia.

Fortalecida pelas vagas palavras da rainha no batel, a intriga, como sempre acontece, dissera o que era verdade, e até o que o não era. . .

Se más tenções poseram nodoa feia
Em nosso amor, de inveja pura,
Porque pagarei eu a culpa alheia?

Qual era, em verdade, a culpa de Camões, se obedecia ao imperio do amor, e se é certo que

Amor não será amor, se não vier
Com doudices, deshonnras, dissensões,
Pazes, guerras, prazer, e desprazer,
Perigos, linguas más, murmurações,
Ciumes, arruidos, competencias,
Temores, nojos, mortes, perdições.

Na comedia do *Filodemo*, as allusões a este lance da vida do poeta abundam. A figura de *Dionysa* é em muitas occasiões transparente: deixa vêr Nathercia no segundo plano:

N'esse deserto apartado
De toda a conversação
Merecieis degradado
Por justiça, com pregão
Que dissesse: *Por ousado*.
E eu tambem merecia
Mettida a grave tormento,
Pois que, como não devia,
Vim a dar consentimento
A tão sobeja ousadia.

Luiz de Camões responde pela bocca de *Filodemo*:

Senhora, se me atrevi,
Fiz tudo o que Amor ordena;
E se pouco mereci,
Tudo o que perco por mi,
Mereço por minha pena.

E se Amor pôde vencer,
Levando de mi a palma,
Eu não lh'o pude tolher;
Que os homens não têm poder
Sobre os affectos da alma.

Camões obedece, com o coração dilacerado de dôr, á ordem regia; mas um profundo resentimento leva consigo contra a rainha mais cruel ainda do que Proserpina, que ao menos se apiedou da desgraça de Orpheu restituindo-lhe Eurydice; contra a rainha cujo peito é

..... cruel e empedernido,
D'alguma tigre fera
Lá na Hircania nascido,
Ou d'entre as duras rochas produzido ¹

Parte, enviando mais um saudoso adeus a essa adorada varanda que está cerrada como o seu destino.

Longe de Lisboa, compara a sua existencia á de Ovidio desterrado nas asperezas do Ponto. Tem por companhia unica a sua Musa; por tormento, a lembrança do bem que possuia em outro tempo. Dorme, por atalhar com o somno os cuidados, mas logo que a manhã abre, dourada e bella, as por-

¹ Ode terceira.

tas ao sol, arranca-se do leito, e vae sentar-se a meditar no topo de um outeiro.

Os olhos saudosos procuram a direcção de Lisboa... Os montes e os campos apparecem-lhe tristes e duros como a sua dôr. No Tejo passam ao longe bateis que vão navegando á vela ou brandamente movidos a remos. Camões apostropha á corrente do Tejo, ás ondas que vem rolando para Lisboa, ai! para Lisboa! e pois que o não podem trazer a elle proprio, pede que tragam as lagrimas que chora.

Uma subtil esperança desce ás vezes sobre elle, como a pomba milagrosa sobre os anachoretas do deserto. Talvez que chegue a raiar o alegre dia em que, como aquellas ondas, possa voltar a Lisboa, *livre e ledô*. Mas a duvida, a terrivel inimiga da esperança, acode logo d'emboscada com o seu punhal de aço fino a golpear-lhe o coração...

Não pode tanto bem chegar tão cedo:
Porque primeiro a vida acabará,
Que se acabe tão aspero degedo. ¹

Nas horas em que a esperança voltava a entre-sorrir vagamente, atravez nuvens de lagrimas, como o ultimo raio de sol que precede a noite passando por entre sombras, Camões escrevia

¹ Elegia primeira.

para Coimbra e Lisboa cartas de supplica, implorando que o arrancassem d'aquelle triste apartamento, e fazendo protestos de ser d'ali por deante discreto no amor, por cujos impetos se deixára imprudentemente arrastar.

A instancias de pessoas de valimento, Camões obtivera licença para voltar á côrte.

Nos primeiros tempos do seu regresso, só de noite divagava junto do Paço da Ribeira, embuçado como um criminoso, com os olhos postos n'aquella janella que não mais tornára a abrir-se.

Um turbilhão de pensamentos, muitas vezes oppostos na apparencia, porque o amor tem do oceano o mudar de aspecto facilmente, agitava o seu espirito trabalhado de tristes cuidados.

Ūmas vezes, recordando nitidamente a origem do seu amor em Coimbra, bemdizia os cuidados que por servir a Nathercia padecia, e lastimava-se do tempo que perdera sem amal-a:

O culto divinal se celebrava
No templo d'onde toda creatura
Louva o Feitor divino, que a feitura
Com seu sagrado sangue restaurava.

Amor ali, que o tempo me aguardava
Onde a vontade t'nha mais segura,
Com uma rara e angelica figura
A vista da razão me salteava.

Eu crendo que o logar me defendia
De seu livre costume, não sabendo
Que nenhum confiado lhe fugia,

Deixei-me captivar: mas hoje vendo,
Senhora, que por vosso me queria,
Do tempo que fui livre me arrependo.

Da triaga das desventuras se alimenta o amor,
como aquelle rei do Ponto, de que falla a lenda,
que com veneno se banqueteara. Apura-se no
soffrimento, como o ouro no fogo. Não obstante
os trabalhos já passados por amor de Catharina,
e resolvido a affrontar os que o futuro ainda trou-
xesse, encarnava-se mentalmente nos finos aman-
tes antigos, para os igualar na dedicação que
resiste às maximas contrariedades:

Sete annos de pastor Jacob servia
Labão, pae de Rachel, serrana bella:
Mas não servia ao pai, servia a ella,
Que a ella só por premio pretendia.

Os dias na esperança de um só dia
Passava, contentando-se com vel-a:
Porem o pai, usando de cautella,
Em logar de Rachel lhe deu a Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
Assi lhe era negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida;

Começou a servir outros sete annos,
Dizendo: Mais servira, se não fôra
Para tão longo amor tão curta a vida.

Outras vezes, o amor perdia por momentos no seu espirito a pura feição que o espiritualisava, e a imaginação inflammava-se vagamente na febre do desejo, como um leão amoroso que estende a travez da jaula a garra cubiçosa:

Pede o desejo, dama, que vos veja:
Não entende o que pede...

Mas logo a nobreza peculiar aos grandes affectos sahia a combater a cubiça dos sentidos

Fraquesas são do corpo, que é de terra;
Mas não do pensamento, que é divino...

Uma noite, *por horas de abrigo*, abriu-se de mansinho a vidraça... Um vulto assomou... Queria um raio da lua denunciá-lo; esconden-se em roupagens. Mas Luiz de Camões adivinhara-o; era Nathercia, era a sua querida Catharina.

A felicidade endoideceu-o. Uma sensação deliciosa pozera em vibração a alma do trovador; canticos, perfumes, resplendores passavam em turbilhão na mente do poeta. Nos mesmos votos de felicidade futura, em mil protestos de inquebrantavel fidelidade, nos doces arrulhos de dulcissimo enlevo, unificaram-se as duas almas. Quando

os alvares da manhã interromperam esse ardente dialogo, Luiz de Camões sentia-se o mais feliz dos homens, tinha nos olhos a imagem de Catharina, nos ouvidos a sua voz, dentro d'alma a sua alma:

Transforma-se o amator na cousa amada

.....

Não tenho logo mais que desejar,

Pois em mim tenho a parte desejada.

Estas doidices namoradas prolongaram-se uma noite e outra. D. Maria de Tavora aconselhava Catharina a espaçar estas entrevistas que por frequentes e longas não podiam passar despercebidas aos Argus das intrigas palacianas. Medrosa no primeiro momento, Catharina promettia ser cautelosa. Á noite, por detraz da sua vidraça, espreitava para o terreiro. Um vulto, o vulto *d'elle*, que ella conhecia distinctamente, passeiava a passos rapidos, cheio de amorosa impaciencia. Catharina lembrava-se de D. Maria de Tavora, e acobardava-se; depois, lembrava-se de Luiz de Camões, e a janella descerrava-se. . .

Se não houvessem os antigos pintado cego o amor, seria impossivel explicar como tantos desatinos commette.

Os dias foram correndo na embriaguez d'aquelle dôce confidenciar de intimos pensamentos, e risinhas esperanças. Afoitavam-se já os dois a avis-

tar-se de dia, por horas de sêsta, em sitio tão frequentado então como era aquelle vasto terreiro que era a principal arteria da cidade, porque toda a vida palaciana pulsava ali. De novo chegaram aos ouvidos da rainha D. Catharina as murmurações d'esta ousadia, e subitamente, como a fulminação de um raio, Luiz de Camões recebeu ordem de embarcar para Ceuta.

A armada que se destinava a Africa ia levantar ferro; poucos dias faltavam para que largasse. Ainda assim, na esperança de captar a protecção de D. Bento de Camões, para obter mais tarde da côrte um novo perdão, ou para tornar a vêr aquelles sitios queridos a que tão dôces memorias de amor o prendiam, Luiz foi a Coimbra. Ao avistar as aguas do Mondego, um grito profundamente poetico irrompe da sua alma:

Já do Mondego as aguas apparecem
A meus olhos, não meus, antes alheios,
Que de outros differentes vindo cheios,
Na sua branda vista inda mais crescem.

Parece que tambem forçadas descem,
Segundo se detêm, em seus rodeios.
Triste! por quantos modos quantos meios,
As minhas saudades me entristecem!

Vida de tantos males saltada,
Amor a põe em termos, que duvida
De conseguir o fim d'esta jornada.

Antes se dá de todo por perdida,
Vendo que não vai d'alma acompanhada,
Que se deixou ficar onde tem vida.

Voltando rapidamente a Lisboa, Luiz de Camões nunca mais pôde vêr Catharina de Athayde, mas, por artificios do amor, e graças á protecção de D. Maria de Tavora, fez chegar ás mãos de Nathercia as notas plangentes do seu dolorido adeus:

Gentil senhora, se a fortuna imiga,
Que contra mi com todo o ceu conspira,
Os olhos meus de ver os vossos tira,
Porque em mais graves casos me persiga;

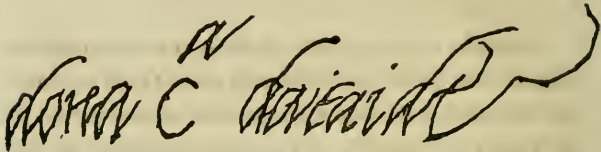
Comigo levo esta alma, que se obriga
Na mór pressa de mar, de fogo e d'ira,
A dar-vos a memoria, que suspira
Só por fazer comvosco eterna liga.

N'esta alma, onde a fortuna pode pouco,
Tão viva vos terei, que frio e fome,
Vos não possam tirar, nem mais perigos.

Antes, com som de voz trémulo e rouco
Por vós chamando, só com vosso nome
Farei fugir os ventos, e os imigos.

A resposta da Nathercia fôra breve, porque de sobra a traziam vigiada na côrte. *Para sempre.*

Com o meu nome confirmo esta promessa. E assignava-se



Dona C. Aveia

Já sobre as aguas do mar, Luiz de Camões beijava mil vezes esse nome querido, e enviava um suspiro de profunda saudade a essa rendilhada varanda do Paço da Ribeira, por detraz de cuja vidraça Catharina, já livre de oppressora vigilancia, cravava os olhos chorosos nas aguas do Tejo.

Dobrou o cabo de S. Vicente o navio que conduzia Camões, e na costa meridional do Algarve abordou á praia junto da ribeira de Boyna, onde os tripulantes se demoraram algumas horas.

Camões, apartando-se dos seus companheiros de viagem, divagou por entre serras fragosas, cercadas de arvoredos silvestres. As aguas corriam por entre asperos penedos. Uma frescura deleitosa crystallisava a paizagem. No ponto em que as correntes entravam no mar, pareciam regalar as hervas e boninas que lhes faziam leito. Abundancia de aves porfiavam cantando na escurura

O doce rouxinol n'um ramo canta,
E d'outro o pintasirgo lhe responde.

A perdiz, ouvindo passos humanos, levantava-se d'entre a mata; a andorinha andava procurando cibato para o ninho; a leda codorniz vinha debicar uns grãos de louro trigo, armadilha do caçador; cantava na parreira a calhandra; palrava o estorninho ao passo que a rola gemia; o tordo empoleirava-se nas oliveiras. As abelhas passavam no ar sussurrando.

Arvores frondíferas abriam enormes parasoes, carregados de fructos.

Na agua, saltitavam os peixes, lidando contra as pedrinhas e conchas.

Na serra, a caça era abundantissima, copiosa: javalis e veados, coelhos e lebres saltavam.

Flores, purpureas e brancas, emmoitavam-se aos cardumes: o jacinto parecia ainda lembrado dos seus antigos amores; o narciso namorava-se da sua formosura no liquido crystal; a anemona recordava ainda a belleza d'aquelle que tão amado fôra por Venus. . .

Camões, entregue a seus cuidados, e com o pensamento posto em Nathercia, foi colhendo para ella um ramo de flôres, como se podêra enviar-lh'o e ella recebê-lo. De repente, busina a maruja chamando os errantes passageiros. Camões corre

à praia, e, tornado á realidade, lança ás aguas as flores mimosas, porque se lembra de que seria desacerto colhel-as em honra de Nathercia, que *muitas mais em si tinha*.¹

Para Africa! era o seu destino.

Entrada a nau no estreito de Gibraltar, avistaram uma outra que desde logo se lhe tornou suspeita. A duvida durou pouco tempo; não tardaram a reconhecer que tinham de combater corsarios. Foi accêso e longo o combate naval. Entre os soldados portuguezes, Camões, sempre na vanguarda dos outros, tornara-se notavel pelo arrojo e pelo valor. Parecia querer atirar aos perigos aquella vida que a saudade fazia pesada, e o amor desventurosa. Algumas vezes, durante a refrega, lhe ouviram pronunciar um nome que parecia espirital-o para o combate. Catharina! dizia, e agigantava-se em denodo. Um momento, viram-n'ò oscillar, depois cahir. Estaria morto? Levaram-n'ò d'ali em braços, quando já a victoria dos portuguezes sobre os corsarios era certa. Não havia perdido a vida mas apenas um dos olhos.

D'est'arte a vida em outra fui trocando;
Eu não, mas o destino fero, irado;

¹ Canção xvi.

Que eu, inda assi, por outra a não trocára.
Fez-me deixar o patrio ninho amado,
Passando o longo mar, que ameaçando
Tantas vezes me esteve a vida cára.
Agora exprimentando a *furia rara*
De Marte, que nos olhos quiz que logo
Visse, e tocasse o acerbo fructo seu.

E n'este escudo meu
A pintura verão do infesto fogo.

Não convalescido ainda d'este desastre chegára Luiz de Camões a Ceuta, theatro de glorias portuguezas n'aquelle tempo. Os moiros lastimavam-se ainda de perdel-a, tão vivamente como na hora em que os filhos de D. João I lh'a arrancaram para engastal-a, como joia africana, na corôa de seu pae. Conta Fernam Lopes que, depois da conquista de Ceuta pelos portuguezes, os moiros, subindo aos altos montes convisinhos, diziam, avistando-a, com *cantares de palavras muito tristes*: «Cidade de Ceuta, flôr de todas as outras da terra de Africa, onde acharão os teus moradores terra em que façam outra semelhante? ou como poderão elles consentir que as suas vidas se não gastem com tamanha perda?...» Não tinham os annos amortecido no coração dos moiros a saudade d'esse vasto emporio onde outr'ora haviam recebido os finos pannos de Damasco, as pedras preciosas de Veneza, as especiarias da Lybia. Tão ousados como os leões d'aquellas paragens, e acu-

lados pelo desespero, os moiros investiam a cada hora com os portuguezes.

A vida de Camões repartia-se entre os perigos do combate com as feras e os homens e tristes horas de meditação ao longo da praia ou no topo do monte Abyla.

D'uma vez, divagava na ribeira do mar entregue a seus fundos pezares, mas sempre precavido para combate

Sem outros ricos petrechos
Una adarga até os pechos,
Y en la mano una zagaia.

De repente, avistou ao longe uma arrancada de moiros:

Andando só, como digo,
Apartado da manada
Fazendo contas comigo,
Que em fim não fundem nada,
Querendo buscar atalho
Para vir ao que desejo,
Vi venir pendon bremejo
Con tresientos de caballo.

Vinham d'esporas douradas,
E vestidos de alegria,
Com adargas abraçadas
La flor de la Berberia;
Com gritos e altas vozes
Vinham a redeas tendidas,

Ricas aljubas vestidas,
Em cima sus albornosos.

Os cavalleiros portuguezes accorreram promptos. A refrega foi ardente e rapida. Os moiros atroavam os ares com gritos estridulos. Os christãos combatiam em massa. . .

Contar feitos esquecidos
É muito contra minh'arte,
Houve mortos e feridos,
Houve mal de parte a parte,
Houve homem que dizia,
Na força do moor receio,
D'onde estás que no te veo,
Qu'és de ti, esperança mia?

Ah! era elle, era Luiz de Camões, que no mais accêso do combate chamava pela sua esperança, —a esperança de que a glória militar lhe abrisse as portas do paraizo—sem que ella lhe apparecesse e o ouvisse. . .

D'onde estás que no te veo,
Qu'és de ti, esperança mia?

Outras vezes os inimigos eram os leões que vinham acommetter os gados e os pastores ao sopé das muralhas de Ceuta. Camões entrou n'esses fortes combates contra o leão. Nos *Lusiadas* recorda-os, fallando de Nuno Alvares

Está ali Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortissimo leão,
Que cercado se vê dos cavalleiros,
Que os campos vão correr de Tetuão;
Perseguem-n'ó co'as lanças, e elle iroso
Turvado um pouco está, mas não medroso.

Estas luctas com os leões eram tão arriscadas que mereciam muitas vezes a honra de ser referidas ao rei em cartas escriptas d'Africa pelos capitães. Menos de vinte annos antes, Antonio Leite, capitão de Mazagão, dizia ao rei, segundo a phrase de fr. Luiz de Sousa, «que tendo novas de uma leôa, que com dous filhos já grandes lhe tinha feito damno em um fato de gado, se foi a ella com nove de cavallo, e fazendo-lhe tiro um bêteiro de cavallo por nome Antonio Rodrigues, a leôa sahiu a elle, e colheu o cavallo pelas ancas com unhas e dentes: o cavalleiro esteve tão acordado que levou da espada e a feriu em uma pá: e caindo logo o cavallo, e elle juntamente, se levantou ligeiro em pé, e com a espada na mão e gentil ar deu ao andar para a leôa, que todavia com estar brava e muito assanhada o arreceou: e fez volta bramindo: e correu contra outros dous cavalleiros, e a ambos feriu os cavallos; e todavia não pôde escapar a tantos, e ficou morta. Mas afirma o capitão que tendo morto muitos leões, não vira nenhum igual a esta, nem em ferocidade, nem em ligeiresa.»

Em Ceuta, como no Ribatejo, Luiz de Camões,
equiparando os seus males aos grandes supplicios da antiguidade

E assi de mi fugindo traz mim ando;
E assi me tem atado uma vingança
Como Ixião, tão firme na mudança

affastava-se do povoado, ermando com a sua lyra
plangente ao longo da ribeira

E esparzindo a continna soidade
Ao longo d'uma praia soidosa

ou indo sentar-se no cume do monte Abyla

... que Hercules Thebano
Do altissimo Calpe dividiu,
Dando caminho ao mar Mediterraneo,

com o pensamento absorto em tristes scismas,
sem que, como elle proprio diz, o amor e a saudade lhe dessem licença para matar-se.

Catharina, em Lisboa, fazia da sua janella o Abyla do seu tormento: ali meditava com os olhos postos no Tejo.

D. Maria de Tavora, espirito archangelico engastado n'um corpo delicado como o lyrio dos valles, era a unica alma com quem podia reparir o segredo das suas lagrimas.

—Se o meu Luiz, dizia-lhe Catharina, não ha-

via de ser desventuroso! De pequenino fadára-o a sorte para soffrer e penar. Muitas vezes me contou, Maria, que se o acalentavam no berço, só adormecia quando com tristes trovas o embalavam. Era que já a sua alma extranhava as canções alegres, por não haver nascido talhada para ellas. . . .

Era este, de feito, um preconceito do poeta, uma idéa fixa e por elle proprio confessada:

Co'a idade e fado estava concertado:
Porque quando por acaso m'embalavam,
Se de amor tristes versos me cantavam,
Logo me adormecia a natureza;
Que tão conforme estava co'a tristesa!

—E en mesma, continuava Catharina, en mesma nasci para desventuras: para elle nasci pois,—para o meu Luiz. Sou como essa arvore de que fallam os trovadores,—que lança com a sombra a morte. . . Até tu, minha pobre amiga, parece que dès que te acercaste de mim perdeste a ventura e a saude! Não, anjo, não queiras empéstar-te no meu destino: foge-me, que eu trouxe do berço a triste sina de pôr desgraça em todos os corações que toco. . . .

E abraçavam-se ambas n'uma grande effusão de lagrimas.

—Não, minha adorada Maria, que seria de mim

n'esta soidade, se me tu faltasses?!... Primeiro partirei eu, que m'ò diz o coração, que o sei cá de dentro, d'este saber que não podè explicar-se...

D. Maria de Tavora teve, como a loira Ignez, o triste destino da bonina que, eandida e bella, foi cortada antes do tempo.

Ahi por 1549, sendo chamado á còrte D. Afonso de Noronha, que estava por capitão em Ceuta, para ir succeder a D. João de Castro no governo da India, Luiz de Camões voltára com elle á patria para o acompanhar ao Oriente.

O ideal do poeta era nobilitar-se por feitos militares a ponto que na còrte fosse recebido com enthusiasmo, porque d'esse modo,—o unico—, poderia aspirar á mão de Catharina. Alem d'isso, o Oriente,—as regiões formosissimas da Aurora,—deslumbrava-o com o aspecto de paizagens deliciosas e de gloriosas tradições portuguezas.—Em Africa, já estava cansado de improficuas escaramuças com os homens e com as fêras. O Oriente era a poesia e a gloria, a lyra e a espada: o Oriente attrahia-o.

Desembarcando em Lisboa, Luiz de Camões soube da morte recente de D. Maria de Tavora; era a dòce confidente dos seus amores, a sua unica protectora no Paço. A sua lyra pranteou esta morte prematura:

Que levas, cruel morte? Um claro dia.
A que horas o tomaste? Amanhecendo.
E entendes o que levas? Não o entendo.
Pois quem t'ó faz levar? Quem o entendia.

Seu corpo quem o goza? A terra fria.
Como ficou sua luz? Anoitecendo.
Lusitania que diz? Fica dizendo...
Que diz? Não mereci a grã Maria.

Mataste a quem a viu? Já morto estava.
Que discorre o Amor? Fallar não ousa.
E quem o faz calar? Minha vontade.

Na côrte que ficou? Saudade brava.
Que fica lá que vêr? Nenhuma cousa.
Que gloria lhe faltou? Esta beldade.

Mas, se morrendo D. Maria de Tavora *nada mais ficava na côrte para vêr*, onde estaria Catharina de Athayde? Mal que tivera noticia da chegada de Luiz de Camões, D. Antonio de Lima levára sua filha da côrte para a provincia, onde queria tel-a apartada n'um solar solitario enquanto o poeta não embarcasse para a India. O desespero de Camões por esta nova contrariedade foi enorme, immenso. As primeiras horas da sua estada em Lisboa passou-as Camões contemplando saudoso aquella varanda do Paço da Ribeira, absorto nas memorias do passado. Mas, á força de se vêr contrastado por tamanhas desventuras, uma poderosa reacção operou-se. Ca-

mões extranhava que Nathercia não encontrasse meio de o avisar do seu apartamento, de lhe enviar ao menos uma palavra saudosa. E todavia a alma de Nathercia estava lá ardendo em saudades; e de tão rigorosa vigilancia era objecto, que não tinha sequer um instante de sen.

No afogo da desesperança, Camões accusava a ingratição da sua dama

Vivo em lembranças, morro de esquecido
De quem sempre devêra ser lembrado,
Se lhe lembrára estado tão contente.

Louco de dôr, arremessava a sua trabalhosa existencia a um lento suicidio. Tem ancia de morrer, para se libertar do soffrimento; despedaça, pois, a sua vida, arrojando-a de encontro a tudo quanto possa consumil-a. Já não é de Nathercia, não é de si proprio; quer ser da morte.

Abre-se então um periodo de allucinações a que se entrega. Com o seu chapéu de abas grandes, que podiam encobrir a cicatriz que tinha no rosto, lança-se no turbilhão das aventuras, frequenta os soalheiros dos escudeiros da Castanheira, de Alhos-Vedros e Barreiro, toma parte nas arruaças nocturnas, era porventura um d'aquelles embuçadetes, de que elle falla no *Rei Seleuco*, que perdiam os pantufos no ardor dos conflictos a braço e frequentavam a sociedade de «donzellas que, podres

de amor, fallavam como apostolos, mais piedosas que umas lamentações.»

De diabo lhe tinham posto o nome; nunca fôra melhor cabido do que agora, pois que á similhaça de Lucifer se perdia pelo desespero. A sua vida era um grito de rebellião contra o ceu, contra a pureza dos anjos. Mas, por detraz d'esta mascara de cynismo, lagrimas de sangue queimavam-lhe as faces. Era o segredo da sua grande dôr.

Vivia d'esta vida falsa dos sentidos, que é uma embriaguez peor que a do vinho. Tinha uma galanteria postiça para responder a todas as satyras e a todas as malicias. Uma mulher, querendo incendiar-lhe pela ironia a febre dos sentidos, chamava-lhe cara sem olhos; Camões respondia-lhe fazendo-se desentendido:

Sem olhos vi o mal claro,
Que dos olhos se seguiu:
Pois cara sem olhos viu
Olhos, que lhe custam caro.
D'olhos não faço menção,
Pois quereis que olhos não sejam;
Vendo-vos, olhos sobejam,
Não vos vendo, olhos não são.

Outra chama-o pela sua alcunha de *Diabo*; a sua resposta é prompta:

Perdido mais que ninguem
Confesso, senhora, ser;

Mas o *diabo* não quer
Aos Anjos ¹ tamanho bem.

Pois logo não me convem,
Ou se me convem tal nome,
Será para que vos tome.

Dizem-lhe outras que o amam; são tres, Helena, Maria e Joanna.

No *mote* que se propõe, o estado psychologico de Camões revela-se

Não sei se me engana Helena,
Se Maria, se Joanna;
Não sei qual d'ellas me engana.

Nas *voltas*, esse estado moral accentua-se ainda mais profundamente:

Uma diz que me quer bem,
Outra jura que m'ò quer;
Mas em jura de mulher
Quem crerá, se ellas não creem?
Não posso, não, crer a Helena,
A Maria, nem Joanna;
Mas não sei qual mais m'engana.

Uma faz-me juramentos
Que só meu amor estima,

¹ O appellido d'ella era *Anjos*.

A outra diz que se fina,
Joanna, que bebe os ventos.
Se cuida que mente Helena,
Tambem mentirá Joanna;
Mas quem mente não me engana.

Espíritos femininos havia mais luminosos e penetrantes, que percebiam uma grande magua occulta sob tão garridos refolhos de galanteria. Perguntou-lhe uma dama *quem o matava*. Essa percebeu ao menos que tal vida era um suicidio lento, um acabar hora a hora. Camões encontra em si a coragem precisa para illudir a pergunta:

Perguntas-me quem me mata?
Não quero responder nada,
Por vos não fazer culpada.

Desperdiçando n'esta vida de falsos prazeres as mealhas que por ventura traria de Africa, a sua pobreza devia ser grande. Um fidalgo chasqueia talvez da sua camisa desprimorosa, e promette-lhe uma, que todavia não é prompto em mandar:

Quem no mundo quizer ser
Havido por singular,
Para mais se engrandecer,
Ha de trazer sempre o dar
Nas ancas do prometter.
E já que vossa mereê,

Larguesa tem por divisa,
Como o mundo todo vê,
Ha mister que tanto dê,
Que venha a dar a camisa.

Às vezes, Camões vê-se obrigado a versejar a troco de recompensa. O senhor de Cascaes promette-lhe seis gallinhas recheiadas por uma copla, mas envia-lhe apenas meia gallinha,—uma dadiva que á porta dos sumptuosos palacios se poderia fazer n'aquelle tempo a um mendigo obscuro. Camões retorquiu:

Cinco gallinhas e meia
Deve o senhor de Cascaes;
E a meia vinha cheia
De appetite para as mais.

D. Antonio de Lima historiava hyperbolicamente á filha, afeiando-as com interesse paternal, todas estas aventuras de Camões, como de mancebo tresloucado que não poderia jámais rehabilitar-se no conceito publico para vir a desposar uma dama de boa linhagem.

Nathercia olhava para dentro da sua alma, e via-se abandonada por aquelle a quem jurára eterno amor. Não tinha recebido de Luiz de Camões um só recado depois que elle voltára de

Ceuta. Havia, pois, de parte a parte, um deploravel equivoco. Á força de ouvir fallar em desfavor de Camões, começára a acreditar o que lhe diziam. N'isto chegou ao seu retiro noticia de que o poeta estava preso na cadeia do Tronco da cidade por haver acutilado, na noite da procissão de *Corpus Christi*, Gonçalo Borges, criado d'el-rei. Fôra o caso que, na rua de Santo Antão, por detraz do convento de S. Domingos e junto ás casas de Pero Vaz, dois homens mascarados motejaram de Gonçalo Borges que ia passando. Travou-se lueta, arrancaram-se armas. Luiz de Camões, que transitava casualmente por aquelle sitio, reconheceu por seus amigos os mascarados, *embuçadetes* companheiros das suas aventuras nocturnas, e defendeu-os, ferindo no pescoço o criado d'el-rei. A familia Lima aproveitou este facto para combater as esperanças de Nathercia. Trouxeram-n'a para a cõrte, confiados em que Luiz de Camões, a esse tempo privado de liberdade, já estaria sufficientemente deslustrado a seus olhos.

Foi decorrendo o tempo sem que Luiz de Camões soubesse da volta de Catharina á cõrte. O seu desalento era profundo, e uma só esperança o amparava na cadeia do Tronco: que obteria finalmente a liberdade para ir morrer longe da patria, nas plagas remotas do Oriente.

Depois de tantos dias mal gastados,
Depois de tantas noites mal dormidas,
Depois de tantas lagrimas vertidas,
Tantos suspiros vans vanmente dados,

Como não sois vós já desenganados,
Desejos, que de cousas esquecidas
Quereis remediar mortaes feridas,
Que Amor fez sem remedio, o Tempo, os Fados?

Se não tivereis já longa exp'riencia
Das sem-razões de amor a quem servistes,
Fraquesa fôra em vós a resistencia.

Mas pois por vosso mal seus males vistes,
Que o tempo não curou, nem larga ausencia,
Qual bem d'elle esperais, desejos tristes?

Se sómente hora alguma em vós piedade
De tão longo tormento se sentira,
Amor soll'ra mal que eu me partira
De vossos olhos, minha Saudade.

Apartei-me de vós, mas a vontade,
Que por o natural na alma vos tira,
Me faz crer que esta ausencia é de mentira;
Porem venho a provar que é de verdade.

Ir-me-hei, Senhora; e n'este apartamento
Lagrimas tristes tomarão vingança
Nos olhos de quem fostes mantimento.

D'esta arte darei vida a meu tormento;
Que, em fim, cá me achará minha lembrança
Sepultado no vosso esquecimento.

Os *desejos tristes* de Camões, como elle proprio dizia, cumpriram-se. Parece que'nma força occulta lhe propiciava a occasião de realisal-os. Fôra-lhe lembrado que tendo desistido de embarcar para a India o escudeiro Fernando Casado, poderia ir elle em seu lugar. Tudo faz suppôr que da côrte vinham ageitados estes acontecimentos para apres-sar a partida de Camões. Parece que tambem da côrte viera expressa recommendação para que lhe fossem abertas as portas do carcere os menos dias que podesse ser antes da partida.

Estava-se em março de 1553, e eram já quasi concluidos os apercebimentos da armada de que ia por capitão-mór Fernam Alvares Cabral. Marcara-se o dia 24 para a partida das naus, e apenas onze dias antes foram abertas as portas do Tronco da cidade a Luiz de Camões. Era preciso proceder aos actos officiaes do alistamento na Casa da India, e foi julgado estrictamente indispensavel esse curto periodo de tempo.

Sendo-lhe restituída finalmente a liberdade, nunca Luiz de Camões se vira tão encarcerado em si mesmo. Fugia dos seus antigos companheiros de aventuras, e evitava apparecer á luz do

dia nas ruas da cidade. Às horas mortas da noite, escondido o rosto no seu chapéu de grandes abas, divagava na ribeira do Tejo, junto do palácio real, contemplando a varanda de Nathercia para elle tão cheia de mysterios e de saudades. Do que fôra feito da sua Catharina, nada sabia. A vidraça era triste e silenciosa; não respondia ás suas interrogações.

Ao cabo de tres dias, quando já as ultimas sombras da noite fugiam ante o rosicler da manhã, abriu-se subtilmente a janella encantada. Uma voz medrosa disse de mansinho para baixo:

—Luiz!

Ah! que então todas as fibras do coração do poeta vibraram galvanisadas por essa voz encantadora! Imaginae um homem que tendo sido lançado ao sepulchro resuscitasse de subito alentado por milagroso influxo. O despertar de Lazaro, á voz de Christo, devia ter sido assim.

Catharina tinha-o adivinhado. Havia tres noites que luctava entre o receio de enganar-se e o desejo de certificar-se. Por fim venceu o Amor. Na sua voz pozera o medo notas de uma vibração celestial.

Fôra uma loucura sublime a d'esse dialogo. Recriminações e perdões, lagrimas e esperanças, desesperos e jubilos, queixumes e hymnos ali os tiveram baloiçados entre a vida e a morte, joga-

dos desde a abobada do ceu até ás profundezas do inferno. . .

Já a manhã clareava nitidamente o ceu. Como na tragedia de Shakspeare, uma aia, posta por guarda á porta da camara, rugia de dentro ameaças e maldições, chamando a sua dama, jurando delatar á côrte tudo o que se havia passado. Devia, pois, ser aquella a ultima entrevista. Era preciso desatar violentamente esses laços que o amor retemperára n'um momento. De cima mais um adeus, uma lagrima, uma promessa. Camões pedia mais um instante, um momento, uma palavra só. Finalmente, um grito de agonia, profundo, immenso, indescriptivel ouviu-se, e a janella ficou solitaria.

.....

Nas obras de Camões memorias d'essa dilacerante entrevista soam ainda tão vivazes no discurrer de tres seculos, que parece sentir-se n'ellas todo o fogo d'essa grande paixão devoradora:

Aquella triste e leda madrugada,
Cheia toda de magua e de piedade,
Emquanto houver no mundo saudade
Quero que seja sempre celebrada.

Ella só, quando amena, e marchetada
Sabia, dando á terra claridade,
Viu apartar-se de uma outra vontade,
Que nunca poderá ver-se apartada;

Ella só viu as lagrimas em fio,
Que de uns e de outros olhos derivadas.
Juntando-se, formáram largo rio.

Ella ouviu as palavras maguadas,
Que poderam tornar o fogo frio,
E dar descanso ás almas condemnadas.

.....

Poucos dias depois, tendo recebido os ultimos despachos da Casa da India, a nau *S. Bento*, em que o poeta embarcára, começou a descer lentamente as aguas do Tejo. Luiz de Camões, *com um gesto immoto e descontente*, ia com os olhos cravados na varanda de Nathercia. Á medida que a nau deslisava, o seu olhar tornava-se mais absorvente e profundo. Mais um momento, e essa janella desapareceria á sua vista. De subito, abre-se a vidraça e um veu branco agita-se vertiginosamente. Era o derradeiro adens de Catharina.

.....

Por cima d'estas aguas forte, e firme
Irei aonde os fados o ordenaram,
Pois por cima de quantos derramaram
Aquelles claros olhos pude vir-me.

Já chegado era o fim de despedir-me;
Já mil impedimentos se acabaram,
Quando rios de amor se atravessaram
A me impedir o passo de partir-n.e.

Passei-os eu com animo obstinado,
Com que a morte forçada gloriosa,
Faz o vencido já desesperado.

Em qual figura, ou gesto desusado,
Póde já fazer medo a morte irosa,
A quem tem a seus pés rendido e atado?

.....

Estava escripto no livro terrivel dos destinos
que a alma gentil de Catharina cedo partisse d'esta
vida descontente. O anjo voára, mas de cima d'a-
quella varanda do palacio da Ribeira a saudade
derramava a sua urna de lagrimas sobre o cora-
ção de Camões, quando elle, á volta da India, di-
vagava no terreiro para melhor poder lêr no livro
do passado a historia das suas dores, que era
tambem a historia d'aquella janella.

F I M



EMPRESA LITTERARIA DE LISBOA

HISTORIA DE PORTUGAL

FOR

Antonio Ennes, Alberto Pimentel, Bernardino Pinheiro, E. Vidal, Gervasio Lobato,
Luciano Cordeiro e M. Pinheiro Chagas

ILLUSTRAÇÕES DE

MANUEL DE MAGEDO

Estão publicados o 1.º, 2.º e 5.º volumes, 4.º grande em 2 columnas, impressão nítida e 14 primorosas gravuras cada volume. Preço avulso, reis 25000 por volume. Por assignatura, 1.º e 5.º, 1\$400 reis; 2.º, 1\$600 reis.

Continua recebendo-se assignaturas para esta importante obra. Cada fasciculo, contendo tres folhas d'impressão e uma gravura em papel velino, 100 reis.

O assignante pode receber em cada entrega os fasciculos que desejar. Em publicação o 3.º, 4.º e 6.º volumes.

- A Agonia de Luiz de Camões**, *Romance historico*, original de Amadeu Tissot, traduzido e annotado por Alberto Pimentel. Um volume illustrado. Preço 500 reis.
- Album de ensino universal**, *livro de instrucção popular*, por Alberto Pimentel. Um grosso volume, 600 reis.
- A união ibérica**, por Antonio Rodrigues Sampaio, Eduardo Coelho, Luciano Cordeiro e Pinheiro Chagas. Um volume, contendo importantes documentos, 500 reis.
- Hygiene e physiologia do casamento**, *Historia natural do homem e mulher casados*, por A. Debay, versão de Sousa Viterbo. Um grosso volume, 600 reis.
- Lisboa de hontem**, por Julio Cesar Machado. Um elegante volume de perto de 300 paginas, 500 reis.
- O crime de Mattos Lobo**, por Leite Bastos. Esta curiosa narrativa fórma um elegante volume ornado de estampas, 500 reis.
- O inverso da historia contemporanea**, por Honore Balzac. Um grosso volume, 500 reis.
- Os Rougon-Macquart, e a cõrte de Napoleão III**, historia natural e social d'uma familia no tempo do segundo imperio, por Emilio Zola, versão de F. M. Gomes de Sousa. Dois volumes, 800 reis.
- O trevo de quatro folhas**, romance de costumes orientaes, por Eduardo Laboulaye. Um volume, 400 reis.
- O ultimo carrasco**, (*Luiz Negro*), por Leite Bastos. Um volume com 4 primorosas gravuras, 500 reis.
- O vinho**, narrativa popular por Alberto Pimentel. Um volume, 200 reis.
- Rattazzi e sua epoca**, original da princeza Rattazzi, versão da ex.^{ma} sr.^a D. Guiomar Torrezão. Está publicado o 1.º vol. d'esta notavel e importante obra politica e historica, com o sub-titulo de *Victor Manuel e Carlos Alberto*. Um elegante volume, illustrado com os retratos de Victor Manuel, Carlos Alberto e Rattazzi, 600 reis.
- Vingens á roda do Codigo Administrativo**, por Alberto Pimentel. Livro comprehensivel a todas as classes sociaes, e de um genero completamente novo entre nós. Um volume nitidamente impresso, 500 reis.
- Almanach da Empresa Litteraria de Lisboa**, col-laborado pelos nossos principaes escriptores. 120 reis.
- NO PRÉLO.** = **Rattazzi e sua epoca** II livro.

Estas obras remetem-se pelo correio, franco de porte, a quem enviar o seu importe ao escriptorio da empresa

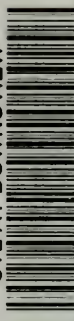
PQ
9261
P46V3

Pimentel, Alberto
A varanda de Nathercia

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 02 01 027 8